

O COMMERCIO DE BARCELLOS

SEMANARIO POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO

ANNO
2.º

Assignaturas

Trimestre 300 rs. Semestre 600 rs. Numero avulso 30 rs.
Administração Livraria Valle, Campo de S. José, Barcellos,
para onde toda a correspondencia deve ser dirigida franco de
porte.

DOMINGO, 13 DE MARÇO

—DE 1891—

Publicações

Annuncios, linha 30 rs. Repetições 20 rs. Corpedo jornal
40 rs. Os srs. assignantes gozam o abatimento de 25.º. An-
nunciam-se as publicações litterarias, de que se receba um
exemplar.

NUMERO
54

SABBADO, 14

DEUS O QUEIRA!

Quando um individuo se vê preso no leito da doença, ameaçado de morte, e em uso de medicamentos energicos, começa de lastimar os desatinos, com que mal tratou a saúde; sente os excessos, que cometera, provocando com elles aquella enfermidade, que o atrophia e ameaça; e, n'estes momentos de angustia, um arrependimento lhe obumbra a alma, e um voto de emenda para o futuro lhe faz sorrir a esperança de ver prolongarem se-lhe os dias da sua existencia.

Quantos desatinos, quantos excessos, quantos desperdícios não causaram a actual crise financeira, que, n'este momento, tinha o paiz abeirado d'uma banca róta, que tudo monta como dissesse—, a nação submettida a uma catastrophe medonha e horrivel?

Não ha cabeça de homem leal pensante, não ha cidadão portuguez, seja qualquer que fór o partido em que milite, que não deixe de lastimar este estado de abatimento em que nos achamos arrojados aos pés d'um grupo de credores, a quem temos de corresponder á satisfação de todas as exigencias ainda as mais duras, para haver-mos de satisfazer a compromissos inadmiáveis, e aos quaes se prendem o nosso credito, a nossa honra e o nosso nome.

Os partidos, que se tem succedido na administração dos negocios publicos, conheceram, n'esta crise dolorosa, os seus desatinos e os seus excessos, e fazem promessas simultaneas de emenda para o futuro, caso vejamos conjurado este mal estar em que infelizmente nos achamos. Bom é, que assim pensem, mas pensal-o só não basta, nem só basta promettel-o; é preciso, que essas promessas se cumpram, que esses votos se realizem, e que esses bons desejos se traduzam em factos.

E' certo que o parlamento entrou em vida nova, o que não deixa de ser um symptoma de que essas promessas dos partidos cheguem um dia a factos consummados.

O parlamento estava se des-cambiando em uma instituição, além de despendiosa, absolutamente impossivel. As eleições custavam rios de dinheiro, as exigencias dos influentes electo- raes tem custado tudo quanto devemos, gasto em obras, que não são para um paiz como é o nosso, obras sem peso nem

medida, obras a que o ministério da fazenda não podia acudir sem recorrer ao credito, mas que era preciso fazerem-se sem perda de tempo, porque os influentes electo- raes assim o pediam, queriam e mandavam. Esta é que é a verdade.

As camaras abriam-se; os eleitos do povo (?) reuniam-se; e o que era, que, n'estes ultimos tempos, viamos nós no santuario das leis?

Doestos, descomposturas, insubordinação, murros nas carteiras e as carteiras em estilhaços, e o paiz pagava, em triplificado, todas as despezas, que lhe acarretava uma instituição, que, de grave e respeitosa, se estava a tornar em circo de feira d'anno.

E estes excessos, e esta degeneração d'instituição pediam considerar-se como filhas legítimas do systema monarchico? Poderia outra forma de governo remediar este mal e dar á representação nacional aquella nota grave, aquelle caracter respeitador e venerando, que em tempo tivera, e que havia perdido?

Creemos que não; e temos em abono d'este nosso juizo os factos, que se passaram no congresso brasileiro na sessão de 12 de fevereiro ultimo.

Temos diante de nós um collega, que, relatando os factos escandalosos, que occorreram no congresso nacional no Rio de Janeiro n'aquella sessão, a que nos referimos, acrescenta:—«Como reformação de costumes parlamentares sob o regimen democratico, parece-nos amo- tra significativa esta, que reproduzimos—. Pois o que é certo, é que o nosso parlamento, compenetrando-se da gravidade do momento actual, tem merecido justos encomios de todo o paiz, que paga aos seus representantes, não para irem ás côrtes tratarem dos interesses dos partidos e dos folares para os afilhados, mas, só para zelarem, como devem, os interesses publicos, e bem estar da nação e o rigoroso cumprimento das leis, do que, ha muitos annos, se não tem tratado nas sessões parlamentares, como ora se esta tratando na presente sessão.

Rehabilitemo-nos aos olhos dos povos europeus, para quem começariamos, por força a ser tidos na conta de uns dementados perdularios tendo dado a maior força a esta opinião que de nós por ventura se faz lá fó- ra o modo de proceder das nossas camaras legislativas.

Todavia parece que os deputados estão dispostos a fazer alguma coisa.

O remedio virá a tempo?
Deus o queira!

SCIENCIAS E LETTRAS

A MINHA MÃE

(Da poesia AOS SIMPLES, da Velhice de Jehovah)

Minha mãe, minha mãe! ai que saudade immensa,
Do tempo em que ajoelhava, orando, ao pé de ti.
Caia mansa a noite; e andorinhos aos pares
Cruzavam-se rondando em torno dos seus lares
Suspensos do beiral da casa onde eu nasci.
Era a hora em que ja sobre o feno das eiras
Dormia quieto e manso o impavido lebreu;
Vinhá-nos da montanha as canções das ceifeiras,
E a lua branca, além por entre as oliveiras,
Como a alma d'um justo! em triumpho ao ceu! . . .
E, mãos postas, ao pé do altar do teu regaço,
Vendo a lua subir, muda, allumiando o espaço,
Eu balbuciava a minha infantil oração,
Pedindo ao Deus que está no azul do firmamento,
Que mandasse um allivio a cada soffrimento
Que mandasse uma estrella a cada escuridão.
Por todos eu orava e por todos pedia;
Pelos mortos no horror da terra negra e fria,
Por todas as paixões e por todas as magoas. . .
Pelos miseros que entre os uivos das procellas
Vão, em noite sem lua e n'um barco sem velas,
Errantes, aavez do turbilhão das aguas.
O meu coração puro, immaculado e santo
Ia ao throno de Deus pedir, como inda vae.
Para toda a nudez um panno do seu manto.
Para toda a miséria o ovalho do seu pranto,
E para todo o crime o seu perdão de Pai! . . .

.....
A minha mãe faltou-me era eu pequenino.
Mas da sua piedade o fulgor diamantino
Ficou sempre abençoando a minha vida inteira,
Como junto d'um leão um sorriso divino,
Como sobre uma forca um un ramo d'oliveira!

GUERRA JUNQUEIRO

A ALGUEM

(V. Hugo)

Ah! que se eu fora rei daria o meu reino,
O sceptro, a gloria, o throno e todos os bens meus...
Eu faria a teus pés o povo ajoelhar,
E em troca pediria a luz d'um doce olhar,
Um doce olhar dos teus!

Se eu fóra o Creator das astros do mundo
O bom Omnipotente, o Poderoso Deus,
Daria anjos e céu e o gran le mar profundo
E o vento que perpassa em coro gemebundo
Por um dos beijos teus!

LUIS MONTEIRO

ALGUNS APONTAMENTOS
acerca
da freguezia de Santa Eulália
de
RIO COVO
pelo
Padre J. Roza
Capitulo V

NOTICIAS D'ALGUNS PAROCHIOS
§ 28
Gonçalo Nunes de Faria
(Continuado do n.º 50)
Quando o troço dos homens
d'armas, que levavam preso Nuno

Gonçalves, vinha já a pouca dis-
tancia da barbacan, os besteiros
que corravam as ameias encurva-
ram as bestas; os homens dos en-
genhos se preparavam para arro-
jar sobre os contrarios os seus qua-
drellos e virotões; e o clamor e o
choro se alevantava no terreir
onde o povo inerme estava api-
nhado.

Um arauto sahio do meio da
gente da vanguarda inimiga e ca-
minhou para a barbacan: todas
as bestas se inclinaram para o
chão; o ranger das machinas se
converteu n'um silencio profundo,

—«Môço, alcaide, môço alcaidel
(bravo o arauto) teu pae, captivo
do mui nobre Pedro Rodrigues
Sarmento, Adiantado de Galliza, pelo
muito excellente e temido D. Henri-
que de Castella, deseja fallar com-
tigo, de fóra do castello».

Gonçalo Nunes, o filho do ve-
lho alcaide, atrevessou então o ter-
reiro, chegando á barbacan, disse
ao arauto:—A Virgem proteja meu
pae; dizei-lhe que o espero».

O arauto voltou ao grosso de
soldados que rodeavam Nuno Gon-
çalves; e depois de breve demora o
tropol se aproximou da barbacan.
Chegados ao pé d'ella, o velho
guerreiro sahio de entre os seus
guardadores e fallou com o filho:

—«Sabes tu, Gonçalo Nunes,
de quem é esse castello, que, se-
gundo o regimento da guerra, entre-
guei á tua guarda, quando sahii
em soccorro e ajuda do esforçado
conde de Ceá?»

—«E (respondeu Gonçalo Nu-
nes), do nosso rei e senhor D. Fer-
nando de Portugal, a quem por
elle fizeste preito e homenagem».

—«Sabes tu, que o dever de
um leal alcaide é nunca entregar,
por nenhum caso, o seu castello
a inimigos, embora fique enterra-
do debaixo das ruinas d'elle?»

—«Sei, oh meu pae! Mas (pro-
seguiu Gonçalo Nunes em voz mais
baixa, para não ser ouvido dos
castelhanos, que começavam a
murmurar) não vês que a tua mor-
te é certa, se os inimigos perce-
bem que me aconselhaste a resis-
tencia?»

Nuno Gonçalves, como se não
tivesse ouvido as reflexões do fi-
lho, clamou então:

—«Pois se o sabes, cumpre o
teu dever, alcaide do castello de
Faria! Maldito por mim, sepul-
tado sejas tu no inferno com Ju-
das traidor, na hora em que, os
que me cercam entrarem n'esse
castello, sem tropeçarem no teu
dever».

—«Morra! (gritou o almoca-
dem castelhano); morra o que nos
atraçou!».

E Nuno Gonçalves cahiu no
chão atrevessado de muitas espa-
das e lanças!

—«Defende-te, alcaidel!» fo-
ram as ultimas palavras que elle
pronunciou.

Nuno Gonçalves corria como
louco ao redor da barbacan, cla-
mando vingança; uma nuvem de
frechas partiu do alto dos muros:
—grande pração dos assassinos
de Nuno Gonçalves misturaram o
proprio sangue com o sangue do
homem leal ao seu juramento.

QUEM MENTE?

(continuado do n.º antecedente)

Disse a Gazeta (n.º 320)
que o sr. dr. Novaes aconselhou
o sr. Domingos de Figueiredo
para que, junctamente com o...
(pombo-correio), procurassem o
sr. dr. Barroso a fim de dispôr
s. ex.ª a favor do pretendente,
—e accrescenta—que effectiva-
mente os dois foram a casa do
sr. dr. Barroso, e que este de-
clarou estar já compromettido.

Não foi assim.

O das tonas, quando gravemente enfermo o Cibrão, pediu ao sr. Figueiredo para que fosse dizer aos srs. drs. Velloso e Barroso—que, sem morresse aquelle Cibrão, pretendia o lugar, mas que tinha vergonha de o pedir antes de vago, não só por ser amigo do Cibrão, como por lhe repugnar isso.

Foi sensato e correcto, d'esta vez, o das tonas.

Pedir o lugar d'um amigo, que ainda vivia, era nojento.

Amaral Ribeiro dizia—que, para o seu inimigo não ter virtudes, dava a camisa,—mas que, se as tivesse, não lhas negava.

Nós também não negamos as virtudes a quem as tem,—e d'isso temos dado inequívocas provas.

O sr. Figueiredo foi a casa dos srs. drs. Barroso e Velloso (mais adiante veremos se o das tonas devia pedir algum favor ao segundo d'aquelles cavalheiros)—expoz com o maior empenho os desejos do pretendente, e ouviu as repostas seguintes:—

O sr. dr. Barroso disse—que já estava comprometido com outro, e que sentia isso muito porque também era amigo do pretendente em questão.

O sr. dr. Velloso respondeu—que, vendo posta a questão entre amigos seus, não podia deixar d'abster-se de entrar n'ella para evitar desgostos, que fatalmente resultariam da sua intervenção a favor da direita ou da esquerda.

O sr. Figueiredo transmitiu immediatamente essas repostas ao pombo-correio.

Poucos dias depois falleceu o Cibrão, e o das tonas pediu ao sr. Figueiredo para o acompanhar a casa do sr. dr. Barroso.

Foram ambos, e o sr. dr. Barroso repetiu o que já tinha dito.

D'ali foram ainda a casa do sr. Narciso Macedo, e este sr. respondeu—que não podia prometter cousa alguma sem fallar com o sr. dr. Barroso.

Quando voltavam de casa do sr. Macedo, encontraram o sr. Antonio Guimarães com outros cavalheiros, e o das tonas pediu ao sr. Guimarães, enquanto o sr. Figueiredo fallava com os referidos cavalheiros.

Depois d'isso, o das tonas disse ao sr. Figueiredo—que para o sr. dr. Velloso ainda havia de pedir uma carta d'alguem.

Não podemos revelar segredos alheios, e por isso não diremos quem era esse alguem, o que aliás nada importa ao caso.

A resposta do sr. dr. Velloso a esse alguem foi, segundo nos constou na ocasião, equal á primeira, e nem era d'esperar outra cousa.

Relata a Gazeta o que se passou com o sr. Luiz Fonseca, quando foram a casa d'este os srs. dr. Miguel, dr. José Novaes, Figueiredo e o pretendente,—mas esqueceu-se d'um ponto que vamos lembrar-lhe.

A historia ha-de ficar completa, creiam.

O sr. dr. José Novaes foi

n'um dia de feira, se bem nos lembramos, procurar o sr. Figueiredo e perguntou-lhe se tinha duvida em o acompanhar a casa do sr. Luiz Fonseca, para lhe pedir também a favor do pombo-correio.

O sr. Figueiredo respondeu—que nenhuma duvida tinha n'isso, posto que, para aquelle cavalheiro, não considerava ninguém superior ao sr. dr. Miguel.

O sr. dr. José Novaes disse—que também suppunha isso, mas que o sr. dr. Miguel, com quem vinha de fallar, e que também ia, lhe havia dito:—*é bom que vá também o Figueiredo, por que meu cunhado é muito amigo d'elle.*

Foram os quatro,—e o sr. Figueiredo, abraçando o sr. Luiz Fonseca, disse-lhe:—vimos pedir-lhe um grande favor, talvez um enorme sacrificio,—mas creia que também faremos sacrificios, se os pedir. Desejamos a nomeação do pretendente que nos acompanha, e, por tanto, a conservação do lugar d'amanuense da camara.

Os nossos leitores já sabem que o sr. Luiz Fonseca desejava a supressão d'esse lugar, como o declarou ao sr. Figueiredo quando este apresentou a proposta que também já é conhecida.

Se não fôra esse desejo, o sr. Fonseca votaria, mesmo sem pedido, no das tonas.

O sr. Fonseca annuiu. Não é difficil provar que o sr. Fonseca, se não annuiu pelo pedido de quem primeiro lhe fallou, menos o fez pelo pedido do sr. dr. Novaes, com quem nunca teve relações intimas.

A Gazeta, continuando, disse—que o sr. dr. Miguel se incumbiu de pedir aos srs. Valle Lima e Bernardino d'Oliveira.

Quando o sr. dr. Miguel pediu ao sr. Oliveira, já este sr. tinha promettido ao sr. Figueiredo, e para o referido sr. Oliveira ia sempre tarde qualquer pedido.

Vamos explicar também isto. Esse cavalheiro veio a Barcellos pouco depois que o tribunal administrativo mandou—que fôsse chamado o substituto mais votado, e era elle, para o lugar do sr. Falcão, que não podia servir com seu cunhado, por ter sido este mais votado.

Vem a proposito dizer que o sr. dr. Novaes entendia, e por vezes disse que, na sua opinião, quando por qualquer motivo estivesse ausente o sr. dr. Barroso, devia ser chamado o sr. Falcão, interpretando assim o art.º 9.º do cod. adm.

Quem não é sabichão entendia que não era assim, porque a lei diz:—*que não podem pertencer simultaneamente ao mesmo corpo administrativo, como vogaes effectivos os . . . irmãos e os affins* &c, e isso não é equivalente a dizer:—*que não podem assistir ás mesmas sessões*, como o sr. dr. Novaes sustentava.

Dizia também o sr. dr. Novaes—que o substituto a chamar, no caso de o ser, o que não suppunha, seria o mais votado dos seus e não o mais votado de todos, accrescentando que era

esse o espirito da lei, e a opinião do auctor.

Não o era, porém, a letra, e os tribunaes não pensam nos auctores e nem nos espiritos quando a lei é clara como o § 2.º do art.º 5.º do citado cod. Voltamos ao sr. B. d'Oliveira.

Disse este cavalheiro ao sr. Figueiredo, de quem sempre amigo provado—que não se comprometteria para cousa alguma sem fallarem, e isso para evitar qualquer desgosto, pois que estimava muito mais o amigo do que o lugar que não solicitara.

Deu o sr. Oliveira inequívocas provas d'isso, e duas, que respeitam á presente questão, vamos apresental-as a nossos leitores.

1.ª pediu a um cavalheiro, de quem havia recebido favores que não se recompensam, que não accetasse pedidos, para elle, em favor d'outro pretendente ao lugar d'amanuense.

Fez esse pedido poucos dias depois que o sr. Figueiredo lhe fallou a favor do pombo-correio.

Não podemos dizer quaes os favores que não podem ser recompensados, nem o nome de quem os fez, (por ser segredo alheio), o que aliás nada importa ao caso.

O que podemos e devemos dizer é que não pertence ao concelho de Barcellos esse respeitavel amigo do sr. B. d'Oliveira.

2.ª Disse ao sr. Augusto Vieira que votaria n'ello se porventura o sr. Figueiredo votasse também.

Vamos concluir agora o que se passou com o sr. Bernardino d'Oliveira, embora tenhamos d'alterar a ordem que temos seguido, e que continuaremos a seguir tanto quanto seja praticavel.

E', pois, chegado o momento de se dizer que o pombo-correio nos mereceu esta denominação por ter commettido a um tempo duas indignidades sem nome:—revelar o que se passou n'uma conferencia d'amigos, fôsse ou não a seu respeito, fôsse ou não em seu proveito, fôsse ou não maadada reservar,—e declarar a um jornalista, não a verdade dos factos, mas sim a mentira torpe, que por si só basta para definir bem um homem . . . de tonas.

O que se passou n'essa conferencia foi precisamente o contrario do que a Gazeta disse.

O pombo-correio, muito assustado, disse um dia ao sr. Figueiredo—que receiava não ter o voto do sr. B. d'Oliveira, porque este sr. tinha jantado em casa do sr. Augusto Vieira.

O sr. Figueiredo respondeu-lhe desde logo—que não tivesse o menor receio,—que o sr. Oliveira era incapaz de fallar ao que promettera, e que jantar na hospedaria do sr. Vieira não era o mesmo que jantar em casa do sr. Vieira.

Apesar d'isto, quando appareceu o sr. Oliveira, o sr. Figueiredo, para pacificar o das tonas, pediu-lhe uma conferencia na presença do pretendente.

Estamos auctorisados a declarar o que se passou n'essa conferencia.

Na sala da casa do tio do sr. Figueiredo, onde este vivia, reunidos os tres, perguntou o sr. Figueiredo, ao sr. B. d'Oliveira—o que tencionava fazer ácerca da nomeação d'amanuense da camara, e o sr. Oliveira respondeu—que se fôsse outra pessoa que lhe fallasse n'isso, o tomaria como offensa, pois que o sr. Figueiredo bem sabia, o que elle tinha promettido, e até os passos que tinha dado para não ser empenhado, em sentido contrario, por um amigo a quem devia extraordinarios favores.

Resulta de tudo isto—que o sr. Oliveira, depois d'essa pessoa, a ninguém considerava mais do que ao sr. Figueiredo,—e que é homem d'antes quebrar que torcer.

Escusado é dizer que ninguém lhe pediu nem elle faria o que fôsse improprio d'um homem de bem.

O sr. Figueiredo disse-lhe—que não tinha a menor duvida ácerca do velho amigo, mas que o pombo-correio chegou a tel-a, o que devia desculpar-se, porque os pretendentes eram como os namorados—que davavam sempre.

Trocaram-se mais algumas palavras explicativas, e terminou essa conferencia.

Confrontem agora os nossos leitores isto, que é a expressão genuina da verdade, com o que foi informado á Gazeta pelo correio das tonas.

O pombo é capaz de negar tudo isto, mas o sr. B. d'Oliveira não é capaz de negar cousa alguma.

(Continúa).

LÁ POR FORA

Existem na China 28 jornaes diarios. A «Gazeta de Pekim» é o mais antigo jornal do mundo, pois conta mil annos d'existencia.

Em Buenos Ayres tem havido uma terrivel crise financeira. Os bancos e a bolsa tem-se conservado fechados.

Na Alemanha publicou-se ultimamente uma edição do «D. Quichote, de Cervantes, em 20 grossos volumes. Contém todas as traducções que d'essa obra se tem feito, e ainda as criticas á mesma de 20 escriptores de diversos paizes.

A respeito da guerra civil no Chili, fazemos do «Correio da Noite» a seguinte transcripção:

«Continúa, cada vez mais encarnizada, a guerra civil no Chili. As tropas do partido do Congresso já estão de posse da provincia de Tarapaca, onde se organizam grandes forças de voluntarios. Como já nos disse o telegrapho, também essas tropas tinham tomado a cidade de Iquique, que é a segunda capital da republica.

Ultimamente, as tropas do presidente foram derrotadas em Posoalme. O tribunal supremo de S. Thiago declarou illegaes todos os actos do presidente, a contar do 1.º de janeiro, e deu ordem a todos os tribunaes e auctoridades da republica para que não cumpram nenhum decreto ou ordem d'aquelle presidente que, de direito, está destituido. E apesar de tudo isso, Balmaceda, vendo o congresso á frente do movimento, vendo que lhe é hostil a quasi totalidade do

paiz, atea a guerra civil e quer lutar enquanto não fizer matar os ultimos soldados que, por ambição, o acompanham! Um bello exemplo de patriotismo e de abnegação republicana!»

No tribunal de Jersey, quando o jury se recolheu para dar o veredictum no julgamento d'um reo, um dos jurados pediu a um collega que lhe escrevesse o resumo da causa para elle ajuisar, visto que no decorrer da sessão nada podera concluir em consequencia de ser surdo.

O presidente do jury pateou ao tribunal esse incidente, que, annullando todo o julgamento, condemnou o surdo em 25 libras de multa por não declarar a tempo o seu estado.

O Thermidor, a recente publicação dramatica de Victorien Sardou que ha pouco foi prohibida em França, va subir á scena em Berlin. Suppõe-se que este facto representa uma manifestação anti-franceza d'Allemãha, pelo que já os camarotes estão todos passados para as 6 primeiras representações tendo-se pago a preços fabulosos.

DIA A DIA

Fazem annos:

Dia 19—os srs. dr. José Antonio de Sousa Nizareth e José Barros Lima Junior.

Dia 20—o exm.ª sr.ª D. Izolina Gonçalves Paes de Villas Boas e o sr. Alvaro de Barros.

Dia 21—S. A. o principe Luiz Filipe e o sr. Gonçalo de Barros e Sousa Botelho.

Está restabelecido de saude o nosso amigo o sr. Manoel José Ferreira Ramos.

PELA SEMANA

Parlapaticc—«A Gazeta do Povo» ou é tola, ou limpa sêlo. Em qualquer dos casos é costume velho dizer-se «quando um tolo abre a bocca, ou entra mosca, ou sae asneira», e como agora não ha moscas, a nossa amavel collega sempre que escancara as suas fauces diz cada uma . . .

Mas que tem a Gazeta para tanto se molestar quando alguém falla das escolas?

A sua sensibilidade em tal assumpto faz prever grande escandalo.

O Commercio diz que a camara queria construir a casa das escolas em meio do largo Lopo Vaz, e lá vem a Gazeta toda abespinhada afirmar que era falso, o que não obstou a que a todos tomassem as suas affirmativas como nada affirmando.

O Commercio diz que a dissolução do Gremio Democratico fechou a escola sustentada pelo mesmo Gremio, e que os alumnos ficavam 3 mezes sem lição por estar encerrada a matricula na escola municipal, e a sensivel Gazeta no seu ultimo n.º contesta isto terminando a local pelas seguintes palavras:

«Para outra vez mais verdade e menos facciosismo.

Para que é tão mentirosa, fazendo-se passar por verdadeira, collega?

Olhe que a calumnia é feia, e se ainda não foi á desobriga não se esqueça de confessar tal peccado.

O que nós sabemos e affiançamos é que a matricula ainda não está aberta. Pode ser que se abra por estes dias, mas, até ao presente está encerrada.

E o facciosismo?

E é a Gazeta que falla n'isso.

GRANDE DICIONARIO DE LAROUSSE

A MAIOR E MAIS COMPLETA ENCYCLOPEDIA 17 Volumes 4.º encadernados

Um VOLUME POR MEZ LISBOA 6500 REIS (pago á entrega) Um VOLUME POR MEZ PROVINCIA 6800 REIS (pagamento adiantado)

DIRIGIR OS PEDIDOS A GUILLARD, AILLAUD & C^{IA} 242, rua Aurea, 1.º — LISBOA

F IMPRESSO NA TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSE ALVES DO VALLE, CAMPO DE S. JOSE, — BARCELLOS e é seu editor Joaquim Maciel, de Roriz.

PHARMACIA DA SANTA E REAL CASA DA MISERICORDIA DE BARCELLOS

CAMPO DA FEIRA—EDIFICIO DO HOSPITAL

DIRECTOR—Avelino Ayres Duarte

Pharmaceutico de 1.ª classe pela Universidade de Coimbra

Variado sortimento de fundas, algalias, meias elasticas, suspensorios, manadeiras, thermometros. etc.

Grande collecção de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e aguas medicinaes nacionaes e estrangeiras. (76)

DOMINGOS JOSE ALVES

Tem no seu estabelecimento em frente á praça de D. Pedro V, casa que foi de José Duarte de Souza, um sortimento completo em todos os artigos concernentes ao seu ramo de negocio—fazendas de lã, seda e algodão, e artigos de moda, que tudo vende por preços muito convidativos, havendo muitos artigos que se vendem com grande redução de preços, alguns até por menos do que o seu custo primitivo. A notar:—riscados a 50, 60 e 70 reis, que eram de 80, 90 e 100 reis. Setinetas a 120 reis o metro, que eram de 150 rs. 260 reis. Lenços de seda, desde 360 até 1\$000 e 1\$200 reis. Meias para senhora e homem, a começar em 80 reis. Ditas para creança, a 50 reis o par. Zephyrs, desde 120 a 200 reis o metro, que eram de 160 e 300 reis. Casimiras, cheviots e picotillos a principiar em 700 reis o metro. Lãs para vestido de senhora, enfiestadas, a principiar em 180 reis o metro. Fichus de malha, para senhora e creança, a 300 reis. Carros de linha preta e branca, a começar em 10 reis. Pannos crus a principiar em 50 reis o metro. Morim branco, a 70 reis o metro. Muitos outros artigos difficil de enumerar se vendem tambem por preços modicissimos. (71)

OS MISERAVEIS

Assignatura permanente e distribuição semanal de um ou mais fasciculos a 100 reis cada um. A obra completa, 5 volumes ou 70 fasciculos no formato da NOSSA SENHORA DE PARIS, impressão esmeradissima e illustrada com 500 artisticas gravuras, pode tambem adquirir-se aos volumes brochados ou encadernados em luxuosas capas de percaline, executada expressamente na Alemanha e contendo lindissimos desenhos a ouro.

1.º volume brochado.	1\$550	rs Encadernado.	2400
2.º » » »	1\$350	» » »	2200
3.º » » »	1\$250	» » »	2100
4.º » » »	1\$650	» » »	2500
5.º » » »	1\$450	» » »	2300

De resto a Casa editora, no que respeita aos preços dos fasciculos para as provincias e garantias de commissão a quem angariar cinco ou dez assignaturas, sustenta o que se acha annunciado com relação a Nossa Senhora de Paris.

GRANDE NOVIDADE POPULAR ALMANAQUE PARA 1891—Preço 40 reis A' venda na livraria Civilisação, rua de S. Idelfonso 5 a 12.º em todas as livrarias e kiosques do Porto.

COMMERIO DE BARCELLOS

VIDA DE

DE FREI BARTHOLOMEU DOS MARTYRES

ARCEBISPO E SENHOR DE BRAGA PRIMAZ DAS HESPAÑIAS DA ORDEM DOS PRÉGADORES, ETC., ETC.

Obra reproduzida da magnifica edição de 1610 feita em Vianã do Castello á custa da mesma cidade. É repartida em seis livros com a solemnidade de sua trasladação por Frei Luiz de Caecgas e reformada em estylo, orden e ampliada em muitos successos e particularidades por Frei Luiz de Souza, um dos classicos mais respeitaveis da lingua portugueza.

Esta edição, foi traduzida em francez em 1679, e em italiano em 1727, o que bem mostra o seu valor litterario

Os editores resolveram reimprimir a vida do venerando Arcebispo em optimas condições materiaes e economicas afim de contribuir para a solemnisação do tricentenario da morte do vtuosissimo antistite da Igreja Bracarense. Esta edição será augmentada com a biographia de Frei Luiz de Souza feita por um distincto orador sagrado, desembargador da Relação Ecclesiastica de Braga.

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

A obra comprehenderá os seus livros de que é composta, em tres volumes, o primeiro dos quaes seja publicado por todo o mez de julho, o segundo em 30 de outo-

bro, e o terceiro em 31 de dezembro do anno corrente.

O preço por assignatura é de 500 reis por cada volume pagos no acto da entrega, e avulso 600 reis. Para o Brazil custará 1:200 reis cada volume em moeda brasileira.

Assigna-se em todas as livrarias do reino. Os senhores correspondentes terão a percentagem de 20 %o, e além d'isto, um exemplar gratis por cada 12 assignaturas. Livraria escolar de Forte e C.ª—47 Rua Nova de Sousa 47, A—Braga.

A INDEPENDENCIA POR TUGUEZA

REDACTOR P I CIPAL RAPHAEL GONDY O unico jornal francez, portugueza e illustrado

Assignatura paga adiantada: 6, mezes 700 rs.—Administração e redacção, praça de Santa Thereza, 24=PORTO.

O RECREIO

Almanach litterario e characteristico para 1881

Adornado com o retrato e elogio-biographico do distincto escriptor Julio Cesar Machado, por Francisco Antonio de Mattos, e contendo, além do calendario e mais esclarecimentos proprios de um livro d'esta ordem, uma variada collecção de artigos humo-

riscos, contos, poesias, composições, enigmas, etc.

Preço 90) reis A' venda na administração da empresa rua do Durrio de Noticias, 93 e nas principaes lojas do costume, Lisboa.

CONTOS MODERNOS

A CONDESSITA, Fialho d'Almeida; SANTA!... Santos Gonçalves; SINGULAR EFFETTO DO RATO, Louis Gramont; A AMNISTIA, Oscar Méténier; ARNOLVINA, Alexandre Weill. Cada volume dos «Contos Modernos» custa, or assignatura 50 reis tanto em Lisboa como nas provincias. A assignatura entende-se por séries de 12 volumesinhos de 48 pag. nitidamente impressos, em luxuosa edição e bom papel. Para a provincia a assignatura é feita ás series de 12 volumes pelo custo de 600 reis, pagos adeantadamente.

Assigna-se: rua do Diario de Noticias, 93.

NOVIDADE LITTERARIA

Almeida Bessa UM FEIXE DE VIOLETAS—Contos illustrados. 1 elegante volume em 18.º nitidamente impresso:

Papel velino... 300 rs. » Hollanda... 1:500 » » Japão... 2:000 »

Editores—Guillard Aillaud Lisboa.

OS MYSTERIOS DO PORTO

POR GERVASIO LOBATO

Romance de grande sensação, desenhos de Manoel de Macedo, reproduções phototypicas de Peixoto e Irmão.

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Em Lisboa e Porto distribue-se semanalmente um fasciculo de 48 paginas, ou 40 com uma phototypia, custando cada fasciculo a modica quantia de 60 reis, pagos ao acto da entrega.

Para as provincias a expedição será feita quinzenalmente, com a maxima regularidade, aos fasciculos de 88 paginas e uma phototypia, CUSTANDO CADA FASCICULO 120 RS FRANCO DE PORTE.

Para fóra de Lisboa ou Porto não se envia fasciculo algum sem que previamente se tenha recebido o seu importe, que poderá ser enviado em estampilhas, vales de correio ou ordens de facil cobrança, e nunca em sellos forenses.

As pessoas que, para economisar portes do correio, enviarem de cada vez a importancia de cinco ou mais fasciculos, receberão na volta do correio aviso de recepção ficando por este modo certas de que não houve extravio.

TITULOS DE ALGUNS CAPITULOS

Um fogo d'artificio no Palacio de Crystal—O crime do medico—Mortes mysteriosas—O cofre da morte—O doutor Epidemia—Os segredos da raiva—A amante phantastica—O mal da sciencia—rimes sobre crimes—O cumplice vingador—A historia do crime—Gabriel e Lusbel—Um novo milagre de Santo Antonio—Como o diabo paga a quem o desanca—Rapto—A hospeda do quarto n.º 17—A policia ás aranhas—Um D. Juan de novo sexo—N.º Barredo—O sexto mandamento—Prozas dos mandamentarios—O assassinio da viella do Pastelleiro—Como a mentira se caça a verdade—Os sermões do Martinho—Crime de estupro—Casar ou costa d'Africa—Um achado da Rosa Bebada—O cadaver mutilado—Ciumes de preto—O braço de ferro—Um assassinio á margem do codiro—Uma tragedia por detraz do cemiterio do repouso, etc

Toda a correspondencia relativa aos MYSTERIOS DO PORTO, deve ser dirigida franco de porte, ao gerente da Empresa Litteraria e Typographica, 178, rua de D. Pedro, 184=Porto.

Acceptam-se correspondentes, que deem boas referencias em todas as terras da provincia.

CONTRA A TOSSE

O xarope peitoral calmante de Faria, de composição inteiramente vegetal, é o melhor remedio conhecido contra os padecimentos do peito e das vias respiratorias, sejam tosses rebeldes, asthmaticas e convulsas, bronchites agudas e chronicas, defluxos, escarros sanguineos, phthisicas incipientes etc.

Frasco 500reis—Vende-se na pharmacia FARIA em Barcelinhos.